

## RESENHA DE LIVRO

**“Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva”, de  
Silvia Federici.**

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2017.

**Juliana Torres Pires<sup>i</sup>**  
Mestranda em Geografia  
Pontifícia Universidade Católica  
do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

<sup>i</sup>Endereço institucional: Rua  
Marquês de São Vicente, n. 225.  
Edifício da Amizade, ala Frings,  
sl. F411. Gávea. Rio de Janeiro, RJ,  
Brasil. CEP: 22451-900.  
Endereço eletrônico:  
[Julianatorres-p@hotmail.com](mailto:Julianatorres-p@hotmail.com)

Silvia Federici nasceu na Itália, é intelectual militante de tradição feminista marxista. Seu livro intitulado “Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva”, foi lançado no Brasil em 2017 e concebido como uma contribuição para o movimento de libertação das mulheres em relação aos homens – luta fundamental do movimento feminista.

O objetivo principal do livro é revelar, a partir de uma análise histórica, que a discriminação e desigualdade em relação às mulheres no mundo capitalista não é uma herança do mundo “pré-moderno”, mas sim uma formação do capitalismo, construída sobre diferenças sexuais existentes e (re)construída para cumprir novas funções sociais, tendo como ponto de partida o surgimento da propriedade privada.

Federici rejeita a visão de que o caminho para a emancipação e libertação da mulher seria ocupar os mesmo empregos que os homens estavam recusando, ou seja, a emancipação não viria através do que chamam de “igualdade de direitos”, nesse caso, de salários. Sendo assim, faz uma análise profunda e interessante sobre o trabalho doméstico, remunerado e não remunerado, afirmando não pode ser considerado um remanescente do passado, que não desempenhasse nenhuma função na organização capitalista do trabalho ou que a subordinação das mulheres aos homens

pudesse ser atribuída a exclusão das mulheres da “produção socialmente necessária” - como os marxistas ortodoxos que se baseiam em *A Origem da família, da propriedade e do Estado*, de Engels, ainda sustentam.

O trabalho doméstico não remunerado das mulheres se tornou um dos principais pilares da produção capitalista, pois é o trabalho que reproduz força de trabalho. Federici procura demonstrar que uma das causas da subordinação aos homens no capitalismo foi a não remuneração das mulheres, e não pela natureza dita “improdutiva” do trabalho doméstico, sendo a dominação masculina baseada no poder que o salário confere aos homens.

Este livro foi criado, pois parecia importante para a autora, identificar os processos históricos pelos quais as relações estruturais foram estabelecidas. Em relação a isso, Federici afirma que o trabalho de Marx não foi muito útil nesse sentido, na medida em que os três tomos de *O Capital* foram escritos como se as atividades realizadas diariamente que sustentavam a reprodução da força de trabalho fossem de pouca importância para a classe capitalista, e também como se os trabalhadores se reproduzissem dentro do sistema capitalista simplesmente consumindo os bens adquiridos por um salário. Estas suposições ignoram não somente o trabalho das mulheres na produção desses bens de consumo, mas também que os produtos consumidos pelos trabalhadores industriais (café, algodão, açúcar) foram produzidos pelo trabalho escravo, por exemplo, nas plantações de cana brasileiras.

*Calibã e a bruxa* se propõe a escrever a história esquecida e ocultada das mulheres e da reprodução na “transição” para o capitalismo. A autora deixa claro que, no entanto, o livro não é um apêndice aos relatos de Marx sobre acumulação primitiva, pois para ela, analisar o capitalismo do ponto de vista da reprodução da vida e da força de trabalho significa repensar o processo de sua formação. O livro também estuda a colonização da América, a expulsão do campesinato europeu e seus “bens comuns” e o processo pelo qual o corpo proletário foi transformado em uma máquina de trabalho.

Federici cita duas considerações que motivaram a criação deste livro: em primeiro lugar, o desejo de repensar o desenvolvimento do capitalismo a partir de um ponto de vista feminista, ao mesmo tempo esquivando-se das limitações de uma

“história de mulheres” separada do setor masculino da classe trabalhadora. A segunda motivação foi, com a nova expansão das relações capitalistas, o retorno em escala mundial de um conjunto de fenômenos que normalmente vinham associados à gênese do capitalismo. Entre eles pode-se citar os cercamentos que expropriaram milhões de produtores agrários de suas terras e a pauperização massiva de sua criminalização. Ainda mais importante para a consolidação desse livro foi a intensificação da violência contra as mulheres, inclusive o retorno da caça às bruxas em alguns países, como por exemplo, África do Sul e Brasil.

Diante dessas considerações, Federici faz alguns questionamentos em seu livro: por que depois de quinhentos anos de domínio do capital, no início do terceiro milênio, os trabalhadores ainda são massivamente definidos como pobres, bruxas e bandoleiros? De que maneira se relacionam a expropriação e a pauperização com o permanente ataque contra as mulheres? O que podemos aprender sobre o desdobramento capitalista, passado e presente, quando examinado em perspectiva feminista?

Através desses questionamentos, a autora analisa a “transição” do feudalismo para o capitalismo a partir do ponto de vista das mulheres, do corpo e da acumulação primitiva. Para ela, cada um desses conceitos se conecta a um marco conceitual que serve como ponto de vista para o livro: o feminista, o foucaultiano e o marxista.

A acumulação primitiva é o termo utilizado por Marx no tomo de *O Capital I*, para caracterizar o processo político no qual se sustenta o desenvolvimento das relações capitalistas. A importância do termo ocorre, principalmente, por Marx tratá-lo como um processo fundacional, o que revela as condições estruturais que tornaram possível a sociedade capitalista, porém, a análise da autora se afasta da de Marx por duas vias distintas. Enquanto Marx examina a acumulação primitiva do ponto de vista do proletariado assalariado do sexo masculino e do desenvolvimento da produção de mercadorias, Federici a analisa do ponto de vista das mudanças que foram introduzidas na posição social das mulheres e na produção da força de trabalho.

Portanto, incorpora ao termo de acumulação primitiva, fenômenos que estão ausentes nas análises de Marx, que são extremamente importantes para a acumula-

ção capitalista: 1) o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho; 2) a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens; 3) a mecanização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres, em uma máquina de produção de novos trabalhadores.

Há outros caminhos em que o livro dialoga com a história das mulheres e a teoria feminista, quando afirma que a transição para o capitalismo é uma questão primordial para a teoria feminista, pois a redefinição das tarefas produtivas e reprodutivas e as relações homem-mulher nesse período foram realizadas com máxima violência e intervenção estatal, não deixando dúvidas quanto ao caráter construído dos papéis sexuais na sociedade capitalista.

Para Federici, a história das mulheres é a história de classes, pensando o fato de que na sociedade capitalista, a “feminilidade” foi construída como uma função-trabalho que oculta a produção da força de trabalho sob o disfarce de um destino biológico. Desde o início do movimento de mulheres, as ativistas, as teóricas feministas viram o conceito de “corpo” como uma chave para compreender as raízes do domínio masculino e da construção da identidade social feminina.

Partindo de uma análise da “política do corpo”, as feministas não somente revolucionaram o discurso filosófico e político, mas também passaram a revalorizar o corpo. Esse foi um passo importante que Federici retrata como possibilidade de confrontar a negatividade que acarreta a identificação da feminilidade com corporalidade. Segundo a autora, Foucault, ao analisar o corpo, fica tão intrigado pelo caráter “produtivo” das técnicas de poder de que o corpo foi investido, que sua análise praticamente descarta qualquer crítica das relações de poder. Federici aponta que o caráter quase defensivo da teoria de Foucault sobre o corpo se vê acentuado pelo fato de que considera o corpo como algo construído puramente por práticas discursivas, e de que está interessado em descrever como se desdobra o poder do que identificar sua fonte. Dessa maneira, a autora acredita que uma análise da acumulação primitiva e da transição para o capitalismo é capaz de ajudar a ir além dessas alternativas.

Por fim, enfocando teorias feministas, faz-se necessário documentar as con-

dições sociais e históricas nas quais o corpo de tornou elemento central e esfera da atividade definitiva para a constituição da feminilidade. Nessa perspectiva, o livro nos mostra que, na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho.

“Mulheres”, no contexto deste livro, significa não somente uma história oculta que necessita se fazer visível, mas também uma forma particular de exploração e, portanto, uma perspectiva especial a partir da qual se deve reconsiderar a história das relações capitalistas.